

As Diferentes Ortodoxias Cristãs

Além de ser um tempo marcado por conflitos armados entre cristãos motivados por questões doutrinárias, o período dos séculos XVII e XVIII foi marcado por uma separação cada vez maior entre as diferentes linhas que surgiram da reforma que foram se entrincheirando em suas formulações teológicas, com um corpo de dogmas cada vez mais rígido que enfatizava as diferenças ao invés das semelhanças e o resultado foi a cristalização das diferentes ortodoxias e ao mesmo tempo movimentos que criticavam o dogmatismo frio e ritualista dessas ortodoxias.¹

A ortodoxia católica foi fixada em 1563 no Concílio de Trento que desejava restaurar os tempos áureos do papado, centralizando o poder nas mãos do papa. A centralização do poder no papa era um movimento que ia na contramão do cenário, pois o absolutismo estava em alta e a ideia de um papa que tivesse influência sobre a Europa não agradava aos reis. Além disso, surgiam as nações europeias, com um território e identidade cada vez mais definidos, e um sentimento nacionalista começava a nascer. Tudo isso fez com que nascesse o “galicanismo”, um movimento que tentou limitar o poder do papa, particularmente forte na França. Contra o galicanismo, levantou-se o movimento dos “ultramontanistas”, afirmando que o poder estava além dos Alpes, em Roma, no poder papal. Ainda levantou-se um movimento chamado “febronismo” que tentava retornar as ideias conciliares dos séculos anteriores, na qual o poder está nos bispos e não no papa. Além desses movimentos de resistência ao poder papal, a Santa Sé sofreria no séc. XVIII um duro golpe: sob grande pressão, o Papa Clemente XIV dissolveria em 1773 a Companhia de Jesus. As razões são diversas, incluindo alegações de que os jesuítas estariam por trás de incitações que teriam levado a Guerra dos Trinta anos e atentados radicais nesse período.

Teologicamente o Concílio de Trento se opôs terminantemente aos reformadores, em especial na questão da salvação por obras. Isso levantou debates nas Universidades de Salamanca e Lovaina sobre a polêmica das resoluções do Concílio contradizerem os ensinamentos de Agostinho sobre a graça e a eleição divina. Houve oposição entre os jesuítas que afirmavam que a aceitação da graça é que causa a eleição, e os dominicanos que afirmavam que a eleição é que causava a aceitação da graça. O mesmo se deu em Lovaina, influenciando o Bispo de Ypres, Cornélio Jansênio, que dedicou-se a estudar incessantemente as obras de Agostinho, vindo a escrever o livro “Agostinho” que foi publicado postumamente e que dava provas sólidas de que para Agostinho a salvação só era possível pela graça, fruto da eleição divina. Um movimento se formou em torno dos escritos de Jansênio, o jansenismo, dos quais o mais ilustre foi o notável Blaise Pascal (1623-1662), cujos escritos filosófico-teológicos tornaram o jansenismo influente na França. Além do jansenismo, outro movimento que se levantou dentro do catolicismo foi o quietismo, iniciado por Miguel de Molinos (1628-1697). O quietismo foi uma resposta mística à ortodoxia católica que afirmava que devemos simplesmente nos aquietar diante de Deus, deixar que nosso eu se perca n’Ele. O quietismo teve grandes nomes como Madame Guyon, Padre Lacombe e François Fénelon.

A ortodoxia lutera também passou por lutas semelhantes, dessa vez entre os “filipistas” e os luteranos mais extremados. Filipe Melancton ocupou o lugar de Lutero após sua morte. Contudo, Melancton tinha um espírito mais ameno que Lutero que o levou a fazer distinção entre os aspectos essenciais e periféricos do Evangelho que logo despertou oposição de uma ala mais extrema liderada por Matias Flácio. Essa polêmica levou a Fórmula de Concórdia de 1577, uma posição intermediária entre as duas alas que seria a base para o escolasticismo protestante: uma geração de teólogos luteranos que escreveram volumosos e detalhados tomos de teologia dogmática que foram marcados por profunda rigidez confessional. O luteranismo se distanciava do catolicismo e também dos reformados.

A ortodoxia calvinista teria sua forma mais definitiva no século XVII, especialmente em torno dos Símbolos de Fé de Westminster (aula 19) e dos Cânones de Dort, que foram fruto da controvérsia arminiana. A controvérsia começou quando o pastor e teólogo Jacó Armínio (1560-1609) era pastor em Amsterdam. Armínio foi discípulo de Teodoro de Beza, substituto de Calvino em Genebra, e recebeu o pedido de analisar a obra de Dirk Koornhert, que contestava a predestinação. Após muita luta de consciência, Armínio acabou concordando com a posição de Koornhert. Mais tarde, ao tornar-se professor na Universidade de Leiden em 1603, publicou sua posição e logo despertou a oposição ferrenha de Francisco Gomaro. Para ambos a predestinação era uma doutrina incontestável, mas compreendiam a ordem dos decretos da salvação diferentemente: para Armínio, Deus predestinou aqueles que sabia por sua presciência que acolheriam o Evangelho; para Gomaro a predestinação é que levava a aceitação da graça. Embora em tudo mais Armínio fosse estritamente calvinista, com sua morte seus seguidores levaram a disputa teológica adiante causando grande comoção em toda Holanda. Na disputa também haviam elementos político-econômicos e em 1610 os arminianos formularam o protesto “Remonstrantia” com cinco pontos. Para responder a esse documento, os estados gerais holandeses convocaram o Sínodo de Dort em 1619

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.294-365

que condenou o arminianismo e estabeleceu os famosos 5 pontos do calvinismo: Depravação Total, Graça Irresistível, Expição Limitada, Eleição Incondicional e Perseverança dos Santos.

As Opções ao Dogmatismo

Em um cenário em que as diferentes correntes se entrenchavam em suas posições cada vez mais dogmáticas, engessadas e muitas vezes frias, muitos foram simplesmente buscando outra opção além de escolher entre uma ou outra corrente doutrinária. Uma opção que começou a atrair a muitos, especialmente aqueles que estavam começando a duvidar da teologia e dos teólogos, foi a opção racionalista. O racionalismo como movimento e filosofia nasceu devido a uma série de fatores, mas especialmente devido ao renascimento da obra Aristóteles na Europa e sua influência sobre o pensamento no que diz respeito a forma como Aristóteles, diferente de Platão, constrói o conhecimento a partir dos sentidos e não em desprezo destes. Assim, cada vez mais pessoas passavam a utilizar os sentidos para fazer observações sobre o mundo, criando um sentido a partir da observação e não meramente da reflexão racional. Um bom exemplo é Nicolau Copérnico, que por meio de observações chegou a conclusão de que a Terra circundava o sol e não o contrário. Além disso, começou a desenvolver-se uma tensão no mundo da filosofia entre os pensadores racionalistas – René Descartes, Baruch Spinoza e Gottfried Leibniz – e os empiristas – John Locke e David Hume – que posteriormente geraria o efeito de toda uma reflexão sobre o homem, a natureza, o mundo e o próprio Deus enraizado no campo da filosofia e não das Escrituras.

Outros, cansados das intermináveis discussões teológicas começaram a desejar uma religião universal baseada em princípios universais que fosse livre de especificidades e restrições. Os “deístas” buscaram uma religião universal e natural de toda a humanidade, que não dependesse de revelações particulares nem fatos históricos restritos a uma região ou cultura. Por isso, Herbert de Cherbury, grande nome do deísmo, chegou a conclusão de que tal religião só pode ter cinco pontos: a existência de Deus, a obrigação de adorá-lo, a vida ética, o arrependimento e as recompensas e castigos tanto no agora como na eternidade. O resultado era um cristianismo sem Cristo que embora não fosse um ceticismo completo também não se assemelhava em nada com a fé da cristandade em geral.

Além destas, outra reação ao dogmatismo foi a busca por uma religiosidade mais mística e espiritual que simplesmente transpusesse as discussões dogmáticas em busca de um contato com o divino. Destes, o primeiro a destacar-se foi Jacó Boehme (1575-1624). De família pobre e origem luterana, Boehme se tornou um sapateiro andarilho que desenvolveria uma crítica as discussões dogmáticas que haviam dominado a igreja, desenvolvendo uma vida mística que o levou a visões e experiências que mais tarde relatou em livros que despertaram oposição. Boehme chegou a ser interrogado por comissões de teólogos antes de morrer. No ano em que Boehme morreu, nasceu George Fox (1624-1691).

Fox também nasceu de família humilde e quando jovem aprendeu o ofício de sapateiro mas logo o abandonou para vagar pela Inglaterra visitando diversas assembleias religiosas. Isso resultou em uma forte crítica de Fox a toda religião institucionalizada, indo desde o templo até o ministério ordenado. Fox compreendia que era preciso seguir a “luz interior” que existe em toda pessoa e via na doutrina calvinista da depravação total algo que era contrário a sua experiência pessoal. É essa luz interna que nos permite reconhecer e aceitar a Jesus Cristo. A princípio Fox manteve essas percepções para si, mas a partir de determinado ponto começou a expor suas ideias pelas assembleias nas quais se apresentava e logo reuniu muitos seguidores que logo receberam o nome de “quakers” (“treme”) ou Sociedade dos Amigos. Com o desejo de retirar toda institucionalização, o culto era celebrado em silêncio e quando alguém se sentia levado pelo Espírito a falar ou orar então o fazia, sendo dado as mulheres os mesmos direitos que os homens. Os quakers não criam nos sacramentos e enfatizavam a liberdade do Espírito e a vida em comunidade. Como outros, Fox foi perseguido e ao todo passou seis anos em prisões mas nos intervalos foi até o Caribe e América do Norte, Holanda e Alemanha.

A mais poderosa e permanente reação a frieza dogmática que se estabeleceu na igreja foi o pietismo que questionou tanto o dogmatismo quanto o racionalismo. Filipe Jacó Spenner (1635-1705) é considerado o pai do pietismo. De origem luterana, estudou teologia na Suíça vindo a ser pastor em Frankfurt em 1666 e fundou os “colégios de piedade”, pequenos grupos de cristãos que se reuniam para estudo e devoção, vindo posteriormente a publicar “Pia Desideria”. Spenner enfatizava a vida devocional, a fé pessoal e a piedade, mostrando que o dogma não deve ocupar o centro da vida cristã e por isso levantou oposição dos luteranos que o acusavam de ser calvinista. Embora sofrendo ataques, o movimento pietista seguiu cativando cristãos a ponto de se infiltrar de tal forma no luteranismo deixando uma marca definitiva.

O pietismo influenciou profundamente Nicolau Luís (1700-1760), o Conde de Zinzendorf que ofereceu asilo em suas terras aos morávios. Essa comunidade que vivia de forma comunitária e monástica se tornou um centro missionário poderoso que enviaria missionários por diversas partes do globo, vindo a marcar a vida do ministro Anglicano John Wesley (1703-1791). Wesley fora filho e neto de ministros anglicanos e estudou em Oxford onde fundou com seu irmão Carlos os grupos de piedade “metodistas”. Após sofrer um grande fracasso como ministro na América do Norte e retornar a Inglaterra, Wesley viveu uma experiência religiosa e logo uniu-se a George Whitefield em um movimento de pregações ao ar livre que viria a chacoalhar a vida religiosa da Inglaterra. Wesley se tornaria um pregador itinerante e após se separar de Whitefield (Wesley era arminiano e Whitefield calvinista) viria a organizar seu movimento em torno de pequenos grupos, vindo posteriormente a compreender a necessidade de se separar da igreja anglicana, tornando-se o pai do metodismo moderno.